



ÓDIO E IDENTIFICAÇÃO: O CASO DE MORADORES DE RUA

Maria José Coracini
coracini.mj@gmail.com

Resumo: Este texto, apresentado oralmente na Jornada do Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise, sobre o Seminário 9 de Lacan, em março de 2024, tem por objetivo abordar as noções de identificação e ódio, frente à situação de moradores de rua. Foram entrevistados moradores de prédios em bairros de classe média da cidade de Barretos. Os relatos dos participantes de pesquisa apontam para um incômodo diante da presença de moradores de rua na calçada dos prédios onde residem, devido à sujeira, ao mau cheiro, à presença de cachorros. Duas foram as posições subjetivas dos entrevistados diante dos moradores de rua: 1) rejeição; 2) piedade. A primeira posição vem do ódio que impede qualquer tipo de identificação com aqueles que são vistos como bichos; a segunda posição vem de um sentimento cristão que, como o primeiro, anula o sujeito que não tem voz nem vez (coitado!); está sempre submetido ao outro.

Palavras-chave: morador de rua; ódio; identificação; banda de Moebius; Real da democracia.

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



**HATE AND IDENTIFICATION:
THE CASE OF HOMELESS PEOPLE**

Maria José Coracini
coracini.mj@gmail.com

Abstract: As a result of an Oral Presentation given in February 2024 at the Journey promoted by Vox Institute of Psychoanalytic Research and Formation, this paper aims to discuss identification and hatred towards homeless people. To do so, we conducted interviews with residents of middle-class neighborhoods in a city of Southeast Brazil regarding their perceptions towards homeless people sleeping on the sidewalk of their buildings. Reports from research participants point to discomfort in the presence of homeless people due to dirt, bad smell and the presence of dogs. Their reactions point to two subject positions: 1) rejection; 2) piety. The first position arises from the hatred felt towards homeless people that prevents any kind of identification with those who are seen as animals. The second one stems from a Christian feeling that cancels out the subject who has no voice or role (“poor *thing!*”) in a hegemonic society.

Keywords: homeless people; hate; identification; Moebius band; Real of democracy

São Paulo
2024

O Bicho

“Vi ontem um bicho.
Na imundície do pátio.
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem”.
(Manuel Bandeira)

Quando pensamos na relação entre a sociedade dita hegemônica e os chamados moradores de rua ou as pessoas em situação de rua, nomeação eufemística que encobre, a meu ver, a verdadeira realidade, pensamos logo em bichos, nomes que frequentemente são atribuídos a moradores de rua, dentre os quais: Animal! Porco! O primeiro é um nome genérico que é usado para todo aquele que não é humano (Derrida (1999 [2002])). O animal é aquele que fala, mas que não tem linguagem, isto é, não é dotado de simbólico; reconhece o seu dono, mas não as suas mudanças de humor (Lacan, 2003), expressa seu carinho (abanando o rabo ou dando pequenas mordidas na mão do dono), sua alegria ou dor (rosnando ou respirando fortemente), mas não responde a uma pergunta (Derrida, 2002)... Entretanto, fato pouco notado, é que o animal, como o gato, por exemplo, não é apenas visto, ele vê, observa, reconhece ou não aqueles que olham e são olhados, pensando que viram “sem terem sido vistos, como se tivessem visto sem terem sido vistos por ele, sem se terem visto vistos por ele” (Derrida, 2002, p.33). Derrida aponta que “[o] próprio do homem: sua superioridade assujeitante sobre o animal, seu tornar-se sujeito mesmo, [...] sua sociabilidade...” faz esquecer de que ele assujeita o animal e todos aqueles que considera inferiores, animais mesmo, porque se rebelaram contra certos princípios, certas crenças, deles tornando-se proprietário, no sentido do próprio, da propriedade.

Assim, fazemos a hipótese de que os seres humanos que têm valores a seguir (os animais são desprovidos de quaisquer valores – sociais, morais ou religiosos – embora tenham hábitos a seguir, conforme a espécie) se identificam aos moradores de rua, dando-se conta de que eles poderiam se tornar também semelhantes, tornar-se um morador de rua, mas logo negam, denegam: eu não sou vagabundo, não sou como ele: sem família,

sem dinheiro, sem trabalho, sem valores ou crenças; não bebo e não sou usuário de droga... Não sou, portanto, um animal, um porco, aludindo à sujeira, à higiene precária daqueles que vivem na rua. Ao negarem tudo isso no outro, ao mesmo tempo em que afirmam a possibilidade em si, transformam esse outro num animal, que apenas observa, que pouco fala, porque sua fala não é digna de crédito... Vivem sozinhos ou com alguns outros, porque temem a violência até mesmo dos semelhantes (outros moradores de rua); quando muito se aliam a um cachorro que se torna um verdadeiro companheiro, com o qual se identificam?

Uma aluna de graduação em Letras da Unicamp realizou uma pesquisa junto a moradores¹ de prédios de classe média na cidade de Limeira, onde morava, para saber o que pensam e como agem ao se depararem com moradores de rua, alojados na calçada do seu prédio. Uma das entrevistadas assim se posicionou com relação à presença deles:

R1: (...) dormem na calçada e junta cachorro e daí esses cachorros fica lá eles fazem sujeira na calçada²

Moradores de rua, cachorros, sujeira... mistura de seres humanos e animais, que, com a sujeira, se confundem - eles... -, incômodo por estarem todos reunidos na calçada. O porteiro do prédio contou à pesquisadora que, um dia, teve que expulsar um morador de rua da calçada do prédio, ameaçando chamar a polícia se ele se recusasse a sair, porque alguns moradores do prédio se sentiam incomodados pelo cheiro, pela sujeira, pela presença de alguém dormindo no chão; afinal, tudo isso depunha contra o prédio e contra o ambiente...

Outro residente assim se pronunciou a respeito dos moradores de rua:

R2: eles não aguentam ficar também / né / preso num abrigo e o município e o estado também não vai ficar financiando o:: lar deles eterno né/

Dois são os argumentos presentes nesse recorte que aborda a existência de abrigos: 1) os moradores de rua não aguentam permanecer em abrigos; 2) os governantes não aguentam financiar para sempre o “lar” deles. Vale observar a hesitação do enunciador antes de pronunciar a palavra “lar”, como se ela não combinasse com o morador de rua, que preferia a rua, além do uso da palavra “eterno”, que pode ser entendido como adjetivo de lar (lar eterno) ou como um

¹ A referida dissertação foi elaborada pela aluna Lidiane Fernandes Mamoni com o seguinte título Pena, responsabilidade e medo. A construção do ethos em discursos sobre moradores de rua.

² R = recorte; / espaço curto; // espaço longo; (...) omissão do transcritor; [.] interferência do transcritor. Nome de pessoa e de lugar = letra minúscula; letras maiúsculas = ênfase na voz; [inc.] = incompreensível.

advérbio (financiando eternamente), em ambos os casos aponta para o tempo sem limite. A moradora parece, assim, se posicionar, contrária à existência de abrigos, como se eles não merecessem, não tivessem direitos - como se não fossem humanos?

Paralelamente a este grupo de habitantes dos prédios que negam qualquer traço de identificação (semelhanças e diferenças) com moradores de rua, há outro grupo que se dirige a eles expressando piedade, certa empatia – “Coitados!”. Trago aqui dois recortes:

R3: você fica com dó / mas na mesma hora você pensa / né / ele pode tá fazendo / tomá um banho ser mais limpo quem sabe ele arrumaria um serviço / ser uma pessoa mais digna né

R4: você fica aquela coisa e tal / você dá / será que a pessoa vai comer mesmo ou vai comprar droga / vai beber? a gente nunca sabe o que a gente pode fazer né // [inc.] não sabe se ajuda pra pessoa melhorar

Nos dois recortes acima, “ficar com dó” e “aquela coisa e tal” apontam para sentimentos de piedade que também anulam o outro, colocando-o numa posição degradante, inferior. Em seguida, em R3, a conjunção “mas” faz a passagem para um argumento adverso: ele pode tomar banho, ser mais limpo, arrumar emprego, ser uma pessoa mais digna. Como se apenas o asseio fosse suficiente para resolver os problemas do sujeito... O R4 traz uma situação bastante comum: as pessoas dão esmola, dinheiro e o mendigo compra droga ou bebida alcoólica, em vez de comprar alguma coisa para comer. Novamente, comprar algo para comer corresponde ao que se quer e não ao que o sujeito deseja. Nos dois casos, os entrevistados buscam que os outros se identifiquem com eles, queiram o que eles querem, desejem ser como eles. Eles querem ser o modelo ou o espelho a ser imitado, seguido. Não seria isso apagar as diferenças, anular o outro naquilo que ele tem de mais seu? Ainda que seja por um ideal cristão, fazendo comércio com Deus - eu ajudo um pobre ou mendigo e Deus me recompensa -, tal desmerecimento do outro (morador de rua) não se justifica.

Do ponto de vista da psicanálise, é preciso dizer que a identificação é uma palavra constituída pelo radical idem – pronome latino que aponta para o mesmo (si mesmo), radical que se repete em “identidade”, em que a imagem de si corresponde a si mesmo, isto é, o sujeito se vê pelo espelho do olhar do outro, em camadas que vão se estratificando, como lembra Nasio (1989). A identificação, palavra muito anterior à psicanálise, sinalizava, na lógica aristotélica, seguida por Descartes e pelo discurso religioso, que A é A e que o Um é Um. Entretanto, Lacan veio contradizer essa lógica do Todo, do Um, da essência, da verdade, do certo e do errado, propondo a lógica do Não-Todo, da unicidade, da diferença, do vazio (-1), da fita de Moebius onde o interior é o exterior e vice-versa, acompanhado por filósofos como Derrida, Foucault, Guattari, dentre outros. Seguindo essa lógica, a expressão A=A, da era cartesiana e teológica (Lacan, 2003, p.48) não procede. Há, sim, traços que se assemelham, mas muitos outros que tornam A diferente de A. Derrida diria: o mesmo e o diferente. Foucault diria: o já-dito-jamais dito e Lacan, A≠A, o que o

levou a fazer uso da matemática e da topologia para explicar as relações entre o sujeito, o significante, o falo, o vazio, a identificação, a fantasia.

Segundo Lacan, as principais identificações corresponderiam aos três registros que formam o sujeito: o imaginário, o simbólico e o Real (a fantasia). A identificação imaginária se dá entre o eu e as imagens do outro, o que ocorre no estágio do espelho em que a criança se percebe no e pelo olhar do Outro; e isso se dá em vários momentos, em que as imagens vão se inscrevendo no inconsciente do sujeito, alienando-o. Segundo Nasio (1989, p. 116),

se aceitarmos as premissas lacanianas, reconheceremos que, em se tratando do eu, a distinção interno/externo é abolida: o eu situa-se ali, na imagem aparentemente externa - por exemplo, a de meu semelhante -, mais do que no sentimento de mim mesmo...

Mas, é preciso entender que as imagens que formam o eu-imaginário não são quaisquer; o eu só se identifica com as imagens em que se reconhece, o que produz imagens de si identificadas ao outro limpo, asseado, trabalhador, sobretudo consumidor..., cada qual percebida com a paixão do ódio, do amor e da ignorância, as três paixões do ser (Dias, 1012; Coracini, 2023). Interessa-nos particularmente, aqui, a paixão do ódio, em função da recusa da identificação, por exemplo, dos residentes com moradores de rua.

A identificação simbólica, no sentido de símbolo, que é sinônimo de significante como pura diferença, se caracteriza pela presença do sujeito como aquele que conta (Lacan, 2003, p.230), em todos os sentidos (conta para o outro, se conta e conta), sujeito que tentará ainda se satisfazer pela conformação de seu desejo à demanda do Outro. Assim, o sujeito do inconsciente se identifica com significantes, que se repetem, traços provenientes dos grupos aos quais adere e se sente aderido.

Não nos esqueçamos que o que distingue o significante é ser o que os outros não são. O significante é pura diferença (Lacan, 2003, p.49). E o sujeito do inconsciente, como efeito entre significantes, é também significante.

Voltemos rapidamente aos recortes aqui citados. Os residentes se comportam conforme as crenças dos grupos sociais a que pertencem, crenças familiares, das instituições que frequentam, religiosas ou não, conforme as formações discursivas (Foucault, 1979) em que se inscrevem, entendendo que estas não se caracterizam apenas pelas regularidades, mas também e sobretudo, pelas diferenças, que as tornam heterogêneas, tornando também heterogêneas as pessoas que as constituem. Acontece que quanto mais são rígidas e inflexíveis as instituições no que concerne aos valores e crenças que apregoam, mais se tornam rígidos e inflexíveis os membros que as constituem, de modo que expulsam do seu convívio todos aqueles que divergem em algum ponto, não toleram as diferenças, defendem a homogeneidade e as semelhanças entre todos. Os diferentes (que se vestem diferentemente, pensam diferente, se comportam e se alimentam de modo diferente) e o diferente são banidos não apenas dos grupos, mas de toda a

sociedade dita hegemônica. É o caso dos ciganos, dos homossexuais, dos LGBTQIA+, dos migrantes, dos moradores de rua e dos pobres em geral, dos pretos, dos semitas, para não falar dos povos que estão sendo exterminados nas guerras contemporâneas, em nome de Deus, da pátria, do poder..., enfim em nome de um líder, que convence as massas (que não precisam ser numerosas) como aponta Freud (2011). É preciso apenas que a experiência seja comum e que o líder (comum) convença de sua verdade por um certo tempo. Lacan (2003) esclarece que Freud

nos mostra a relação do objeto, que só pode ser aqui o objeto do desejo, com a constituição do próprio ideal; ele o mostra no plano da identificação coletiva, do que é, em suma, uma espécie de ponto de convergência da experiência, pelo quê a unaridade do traço, se posso dizer, meu traço unário, é isso que eu gostaria de dizer, reflete-se na unicidade do modelo tomado como aquele que funciona na constituição dessa ordem de realidade coletiva que é a massa, se se pode dizer, com uma cabeça, o líder (Freud, 2011, p.416).

Não é por acaso que, quando algum cidadão atea fogo em um morador de rua, ele o faz ao lado de uma testemunha que serve como ajudante do crime: dois ou mais indivíduos juntos cometem atos que, sozinhos, seriam incapazes. A identificação fantasística se define como a identificação do sujeito com o objeto, S barrado punção de a ($S \langle a \rangle$), matema da fantasia ou do fantasma. O sujeito se identifica com o significante falo - gozo inconsciente ao antever um mundo ideal, limpo, puro, livre daqueles que não merecem pertencer à categoria dos humanos? Seria esse o desejo perseguido sem jamais ser atingido por aqueles que se consideram superiores, juízes e proprietários de outros?

E por falar em proprietários, é preciso observar que nenhum dos participantes de pesquisa se deu conta de que cada vez aumenta mais o número dos moradores de rua, agora não mais apenas constituídos por brasileiros migrantes do Nordeste e do Norte, mas também por numerosos imigrantes venezuelanos, haitianos, ucranianos, dentre os quais muitos refugiados. Só o estado de São Paulo recebeu cerca de 8000 pedidos de refúgio, em 2023 e a causa disso não é a preguiça, a vagabundagem, a tendência perversa de muitos, a adição a álcool ou drogas. Não perceberam que essa população de rua é muito mais numerosa do que a oferta de empregos. Essa defasagem entre oferta e demanda é uma das principais causas do desemprego que, por sua vez, fomenta a vida na rua. Pessoas que não têm como pagar o aluguel de uma moradia, ainda que seja na favela, que não têm como comprar alimentos para sustentar a família, que não conseguem emprego, ainda que informal ou eventual, que não conseguem levar seus filhos para a escola, porque não têm nem mesmo roupas adequadas...

A essas pessoas só resta a rua, a mendicância para não morrer de fome, o álcool e a droga para se aquecerem, dormirem e esquecerem a dolorosa situação em que se encontram... A taxa de desemprego ainda é de 11,1% da população, além do aumento de demissões nos últimos meses, o que aponta para a impossibilidade de a atual oferta de trabalho dar conta da demanda, sobretudo

quando se atenta para uma população pouco ou nada informatizada, pouco ou nada preparada para as exigências de um mercado numa sociedade neoliberal capitalista. Sabemos que esse regime dito ironicamente democrático é o principal responsável pela situação em que se encontra o Brasil no que diz respeito à desigualdade social, com uma faixa da população abaixo da linha de pobreza. Badiou (2015) argumenta que o sucesso do capitalismo democrático deixa como consequência a pobreza: quanto mais um país cresce na escala do marketing, mais a pobreza finca seus tentáculos e mais a miséria toma conta das cidades como rizomas incontroláveis e incontornáveis (Deleuze, Guattari, 1995). A pobreza é o Real do regime democrático. É o preço a pagar pelo progresso financeiro, pelo sucesso do capitalismo ...

Lembremo-nos que todos os discursos lacanianos são constituídos de dois agentes e quatro elementos separados por barras, que servem de limite à atuação de cada um, com exceção do discurso do capitalista que se apoia em produtos (no lugar dos agentes) e não apresenta barras entre os quatro elementos, o que impede que esse discurso faça laço social. Como afirma Dias (2012; 2020), no discurso do capitalista, se inscreve o discurso da ignorância que, por sua vez, sustenta o discurso do ódio, ódio sem endereçamento, porque se dirige a alguém que não tem nome, representante anônimo de uma população que também não tem nome nem valor...

Para finalizar, gostaria de fazer referência ao que vem acontecendo com o Padre Júlio Lancelotti (<https://cultura.uol.com.br>). Acusado por um homem que diz ter sofrido abusos sexuais na década de 80 pelo padre, que dedicou mais de trinta anos de sua vida aos moradores de rua, recebendo-os, escutando-os, procurando compreendê-los e ajudá-los, com roupas, refeições, respeitando-os. Um vereador da cidade de São Paulo, mais especificamente, da bancada evangélica, abriu uma CPI para investigar o padre Lancelotti com relação a esse suposto abuso, na tentativa clara de proibir seu trabalho junto aos moradores de rua, que, segundo ele, é um trabalho inútil. As autoridades também forçaram a arquidiocese de São Paulo a abrir investigação contra o padre Lancelotti, que nega sua culpa no caso, argumentando que sempre foi assim: aqueles que se posicionam do lado dos mais fracos, dos que são odiados, também serão odiados; aqueles que defendem os maltratados e discriminados também serão maltratados e discriminados. O padre e nós com ele, expressamos a esperança de que, num futuro não muito longínquo, não tenhamos mais que presenciar o ódio aos pobres - e eu acrescentaria nem a recusa a qualquer tipo de identificação, a não ser aos bichos, que fuçam o lixo para buscar algo que os ajude a sobreviver, e que as expulsões sejam denunciadas com mais força e exterminadas (Sassen, 2016) – ou seja, que o ódio aos pobres seja extirpado das ruas e do coração das pessoas. Talvez seja apenas um sonho ou uma fantasia...Uma velha solução para um velho problema sem solução...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Badiou, Alain. *Em busca do real perdido*. Trad.: Fernanda Sherbe. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- Coracini, Maria José. *Vida na rua e Psicanálise: entre a questão da (des)ordem e do ódio*. *Biblioteca Virtual do Instituto Vox*, 2023.
- Deleuze, Guattari: *Mil Platôs*. Vol.1. Trad.: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- Derrida, Jacques. (1999) *O animal que logo sou*. Trad.: Fábio Landa. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.
- Dias, Mauro Mendes. *Os Ódios*. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- Dias, Mauro Mendes. *O Discurso da Estupidez*. São Paulo: Iluminuras, 2020.
- Foucault, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro e São Paulo: Forense Universitária.
- Freud, Sigmund. *Psicologia das Massas e análise do eu*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Lacan, Jacques. *Seminário 9: A Identificação*. Trad.: Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Pernambuco: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.
- Mamoni, Lidiane Fernandes Pena, responsabilidade e medo. A construção do ethos em discursos sobre moradores de rua. Monografia orientada por Maria José Coracini, IEL/DLA, Unicamp, 2013.
- Nasio, Juan David. (1988). *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Trad.: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- Sassen, Saskia. *Expulsões*. Trad.: Angélica Freitas. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz & Terra, 2016.